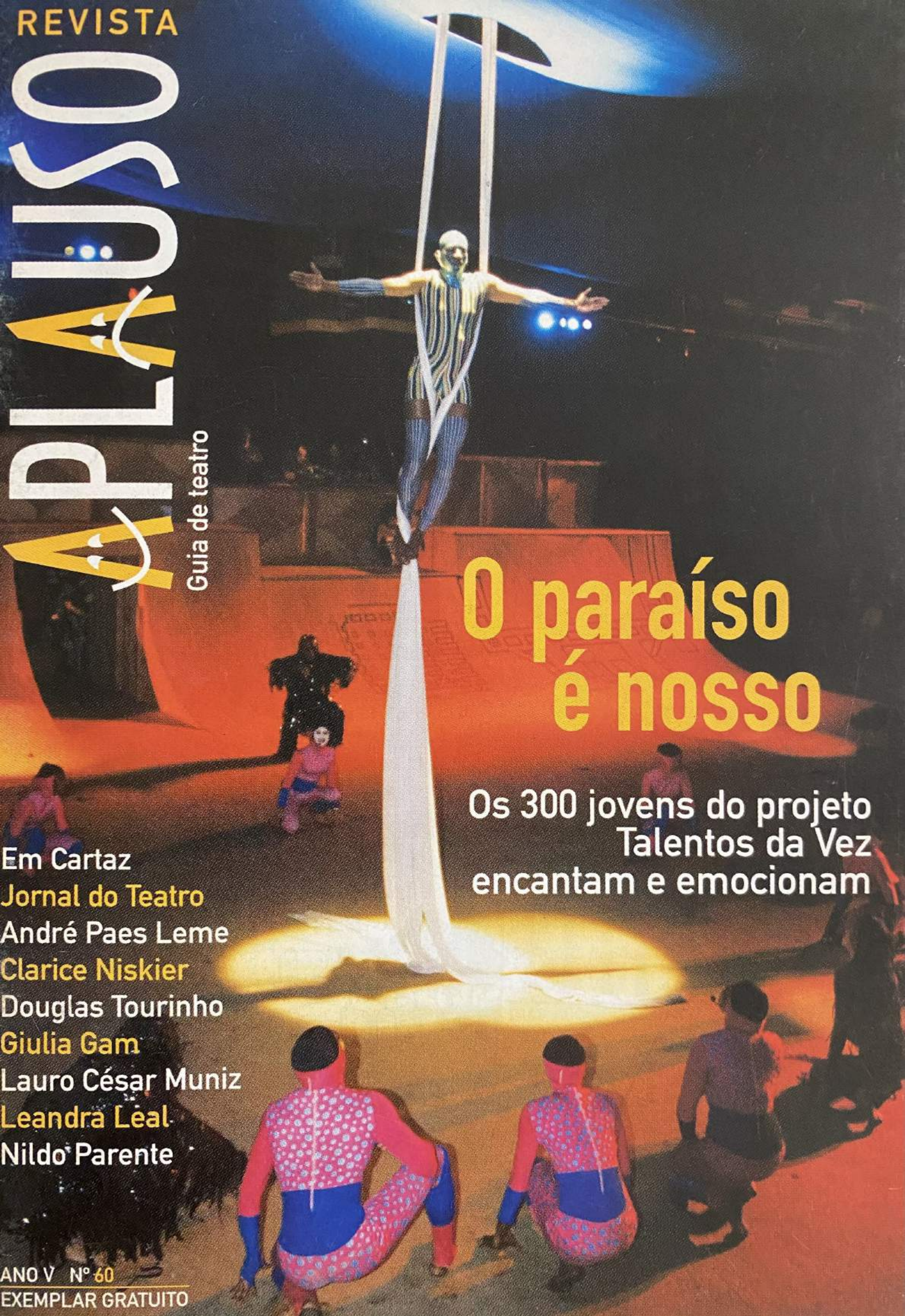
REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro



O paraíso é nosso

Os 300 jovens do projeto Talentos da Vez encantam e emocionam

Em Cartaz
Jornal do Teatro
André Paes Leme
Clarice Niskier
Douglas Tourinho
Giulia Gam
Lauro César Muniz
Leandra Leal
Nildo Parente

ANO V Nº 60
EXEMPLAR GRATUITO

O Projeto Talentos da Vez apresenta:

FOTO: LEANDRO PAGLIARO

O paraíso é nosso

Aos sábados e domingos
Galpão Aplauso Rio
Rua General Luís Mendes de Moraes, 50 - Santo Cristo
Ao lado da Rodoviária Novo Rio
Informações pelos fones: 2516-0252 e 2233-6648

O santo teatro

"A forte atração que a Igreja Católica exerce sobre mim, através de sua cultura milenar e sua estética sublime, me impôs duas peças com temas semelhantes, mas com visões e climas opostos. Em 1963 escrevi *O Santo Milagre*, quando ainda tinha alguma esperança. E 40 anos depois escrevi *O Santo Parto*, com a absoluta incredulidade que me afasta cada vez mais de algum caminho que me leve a uma religação com este deus bíblico, concebido para complementar a impotência e a fraqueza humanas.

Existe um descompasso muito grande entre a nossa realidade e o que prega o Vaticano. Considero o pontificado de João Paulo II muito conservador. A Igreja vive num mundo de fantasia em pleno terceiro milênio. Isso me incomoda e acho válido usar o teatro para mostrar a minha indignação.

A Igreja proíbe o uso de camisinha enquanto 30% da população na África está sendo dizimada pela Aids. E continua mantendo o celibato dos padres, uma questão totalmente anacrônica que só foi criada para não gerar divisão de bens na Igreja.

Daí a idéia de escrever *O Santo Parto*, que está encerrando sua temporada no Teatro do Leblon, e criar um padre que engravidasse um metaleiro de 17 anos. Foi a forma que encontrei de trazer à tona, sem ser chato, questões que há muito tempo são abafadas. Entre elas, os escândalos de pedofilia envolvendo padres. Já é hora de a Igreja perceber que todas essas proibições são a única causa dos desvios que têm vindo à tona agora.

Sou de família católica, mas não sou praticante nem tenho fé religiosa. Só tenho fé no homem. Mesmo assim não gostaria de ver a Igreja, com toda sua história e tradição, desaparecer. E é isso que vai acontecer se a instituição não começar a rever seus dogmas e abrir seus conceitos. Tentei então, à minha humilde maneira, com muito humor e respeito, usar o teatro como alerta para esta realidade."

Lauro César Muniz, agosto de 2004

Teatro do Estudante

O casal Cláudio Cavalcanti e Maria Lucia Frota acaba de assumir a direção do *Teatro do Estudante*, que teve seu auge no cenário cultural carioca entre as décadas de 40 e 60. Fechada há mais de 40 anos, sua sede acaba de ser revitalizada para abrigar uma série de cursos-montagens. Cada um terá três meses de aulas de interpretação. O primeiro texto será *Foro Íntimo*, de Lu Frota. Inscrições até 10 de setembro, pelo e-mail clcavalcanti@uol.com.br.

CCBB é Autônomo

A Cia. Teatro Autônomo comemora 15 anos tomando conta do CCBB. Durante os meses de agosto e setembro o grupo encena três espetáculos: *Deve Haver Algum Sentido em Mim Que Basta, Uma Coisa que Não Tem Nome (E que Se Perdeu)* e *Minh'alma É Imortal*. Este último é de 1994 e terá três únicas apresentações (de 26 a 29 de agosto). Vale conferir!

Vinicius no palco

Vinicius de Moraes acaba de ganhar merecida homenagem teatral. A idéia é da atriz Alessandra Cervieri e da cantora Nadia Maron, que se uniram no espetáculo *Vinicius na Poesia e na Música*. Assinada e dirigida pela dupla, a peça mistura ficção e realidade durante um bate-papo imaginário com o poetinha. Ótima chance para relembrar sua obra através de 18 canções e sete poesias do artista. A partir do dia 10 de setembro, no Espaço Cultural CEDIM.

A vez de Quincas Borba

Continuação da obra de Machado de Assis *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* recebe tardiamente sua primeira versão teatral. O responsável pela direção é Haroldo Rego, que promete encantar os fãs do escritor com sua adaptação no mezanino do Espaço SESC Copacabana. À frente do elenco, Jandir Ferrari e João Vitti. A partir do dia 9 de setembro.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte) e Janaína Medeiros (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: Leandro Pagliaro

Leandra Leal

À procura de um interlocutor

"Muitas pessoas acham que minha geração é acomodada. Eu discordo", diz Leandra Leal.

LISSANDRO KAELL/DIVULGAÇÃO

Tudo começou quando eu tinha 18 anos. Estava escrevendo *Impressões do Meu Quarto* há três anos e resolvi chamar a Bianca Gismonti, minha amiga de infância, para musicar. Acabou se tornando um grande reencontro de amigos, com Cláudio Volkart e Rafael Haddocck-Lobo. E também o início de um trabalho de grupo, desde a concepção até a direção.

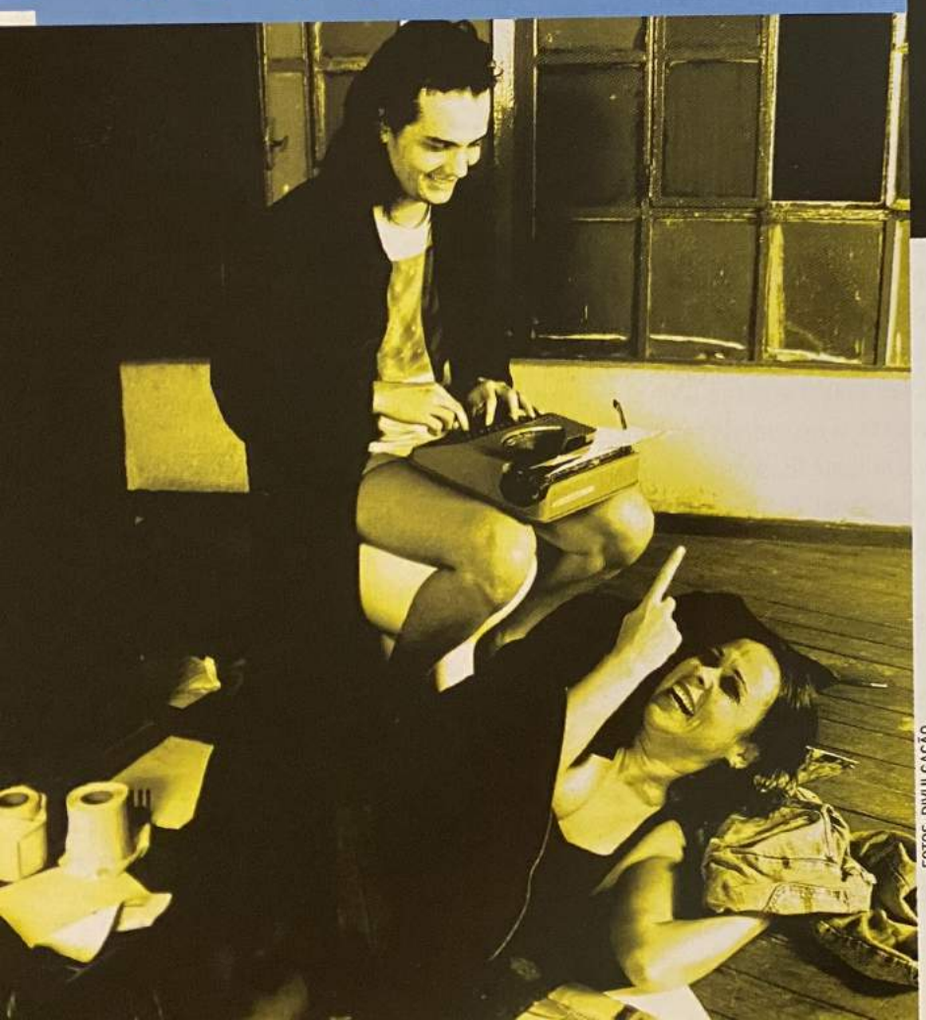
Antes da estréia, muitas pessoas estranharam que eu fosse estrelar um espetáculo solo e me perguntavam se era realmente hora ou se eu me sentia preparada para isso. Eu respondia: 'nunca vou me sentir!'. Acho que se a gente ficar esperando se sentir pronta, nunca vai adiante. Essa era uma necessidade minha, pessoal, profissional e de grupo. E posso dizer que deu certo.

Muitas pessoas acham que a minha geração é mais acomodada. Eu discordo. Acomodada é a geração da minha mãe, que lutou, lutou e hoje vive satisfeita com sua casa confortável e o carro na porta. A minha geração tem é uma herança ingrata. Como nossos pais não conseguiram mudar o mundo, todos vivem com o estigma de que não vão também conseguir.

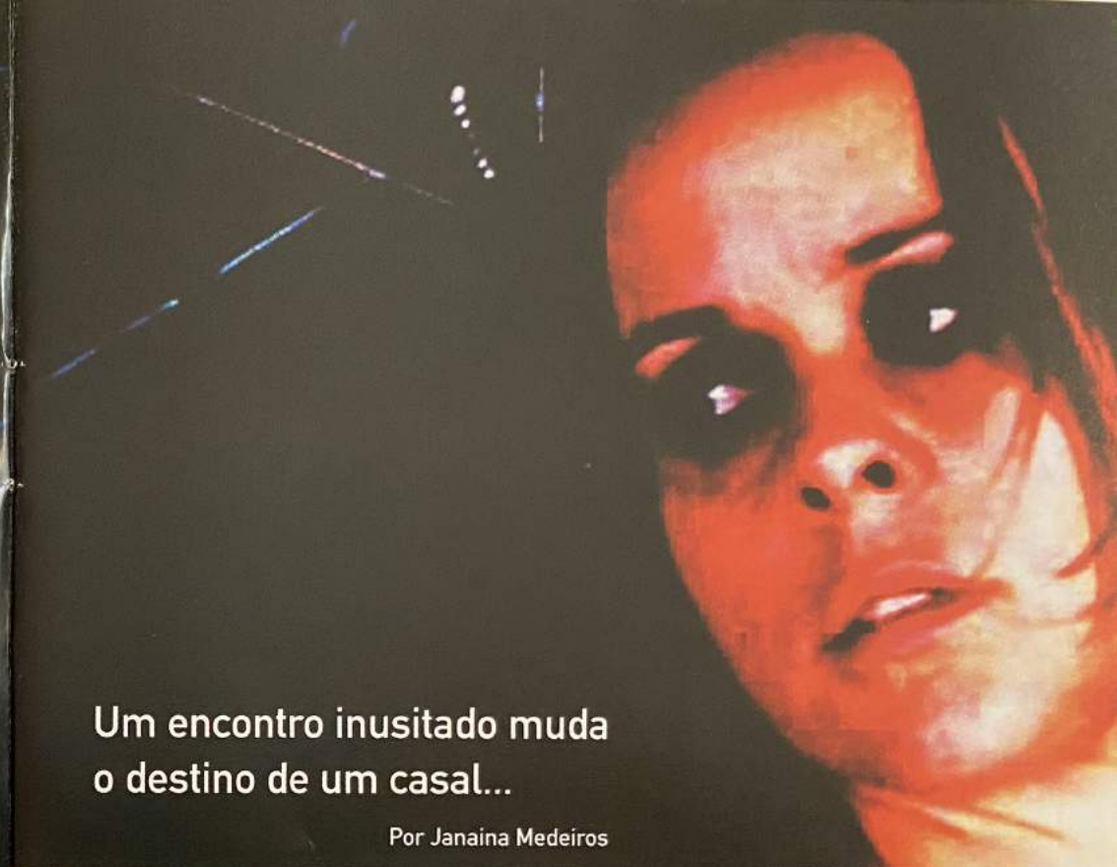
Daí a nova geração de atores produzir cada vez menos idéias e atitudes ousadas. Todos na faixa de 20 e poucos anos assumiram a idéia de que só se pode ser feliz com um diploma universitário, falando duas línguas e tendo um motorista. Quando vejo isso, ainda me espanto. Essa não pode ser a minha geração!

Foi por essas e por outras que tive essa necessidade de escrever, produzir e dirigir *Impressões do Meu Quarto*. A Alice é uma menina que ainda não decidiu o que quer ser, só sabe que seu destino será ligado à arte. Ela toca piano, escreve bem e é muito criativa. Mas também muito dramática. Busquei fazer algo sem um tom político explícito. Falo de uma angústia de uma geração nos fragmentos de uma noite. Criei uma menina à procura do espelho de um interlocutor, assim como eu e tantas outras de 20 e poucos anos".

Dilúvio em tempos de seca



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Um encontro inusitado muda o destino de um casal...

Por Janaina Medeiros

Poderia ser mais uma peça de relacionamento. Mas *Dilúvio em Tempos de Seca*, que estréia dia 3 de setembro no Teatro Dulcina, fala sobre o encontro de almas numa grande metáfora sobre o fim do mundo. Esta é a proposta instigante do texto de Marcelo Pedreira, dirigido por Aderbal Freire-Filho e estrelado por Giulia Gam e Wagner Moura.

Tudo começa bem ingenuamente: um escritor (Wagner Moura) tem um "branco" e convida uma ex-modelo (Giulia Gam) para inspirá-lo enquanto escreve. Os dois se refugiam no seu escritório montado no banheiro da casa. Uma espécie de *bunker* onde o casal fica trancado e isolado do mundo dias a fio, enquanto cai uma chuva torrencial.

"No final desse dilúvio restam apenas um homem e uma mulher que saem de um confinamento quase bíblico, como se fossem os únicos sobreviventes após o fim do mundo", diz Giulia, que os compara a Adão e Eva.

Falta de comunicação

Para a atriz, que pela primeira vez trabalha com Aderbal e Wagner, os personagens mudam o sentido de suas vidas após essa noite apocalíptica. "A minha personagem tem uma verborragia tão intensa quanto a chuva que cai lá fora. E isso irrita bastante o escritor, que busca inspiração para o seu livro. Mas, ao passar dos dias, toda essa conversa acaba se tornando uma discussão espiritual".

Segundo o autor, o tema de *Dilúvio Em Tempos de Seca* é bem menos complexo do que parece. "Falo sobre solidão, a incapacidade de se comunicar e a vontade de romper com isso", diz ele. "A chuva é um terceiro personagem. E o mundo lá fora quase se acaba enquanto o casal se descobre. No final, há uma reintegração com o mundo."

A rota do Dilúvio

A peça foi um dos seis espetáculos selecionados pela Rioarte para integrar a Mostra de Nova Dramaturgia Carioca, evento realizado em janeiro de 2003 com o objetivo de estimular a produção de novos textos teatrais. Encenado por Janaína Pessoa e Saulo Rodrigues em 8 sessões, o espetáculo chamou a atenção de Giulia Gam para o trabalho do escritor Marcelo Pedreira: "fiquei bastante curiosa e pedi a opinião do Aderbal, que logo ficou encantado e topou montar".

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral

R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!

Edições de 1 a 59

FILME NOIR

Cia. Pequod de Teatro de Animação faz espetáculo com bonecos para adultos. E encanta.

A temporada é curtíssima e vale a pena correr para conferir. Até 12 de setembro, a Cia. Pequod de Teatro de Animação comemora cinco anos de existência com um espetáculo adulto, o *Filme Noir*, que está em cartaz no mezanino do Espaço Sesc Copacabana. Uma investida ousada que propõe a reconstruir o clima cinematográfico que marcou os anos 40 e 50.

Para começar, há apenas três cores nos bonecos e cenários: preto, branco e cinza. Outra marca é a trama totalmente narrada em *off*, como nos filmes *noir*, os policiais daquela época. "Fizemos uma pesquisa intensa para direcionar a luz com o objetivo de valorizar os tons em preto-e-branco. Foram cerca de cinco horas de ensaios diários, manipulando os bonecos no braço. Um trabalho árduo", conta Miguel Vellinho, diretor e integrante da companhia , ao lado de Mariane Gutierrez e Carlos Alberto Nunes.

Bonequeiro desde 1986, Vellinho convidou outros cinco atores-manipuladores e experimentou novas formas de criação. "Hoje em dia o público adulto vai ao cinema assistir animação, mas não existe uma cultura adulta para o teatro de títeres. Ainda há o estigma de ser uma arte infantil", observa.

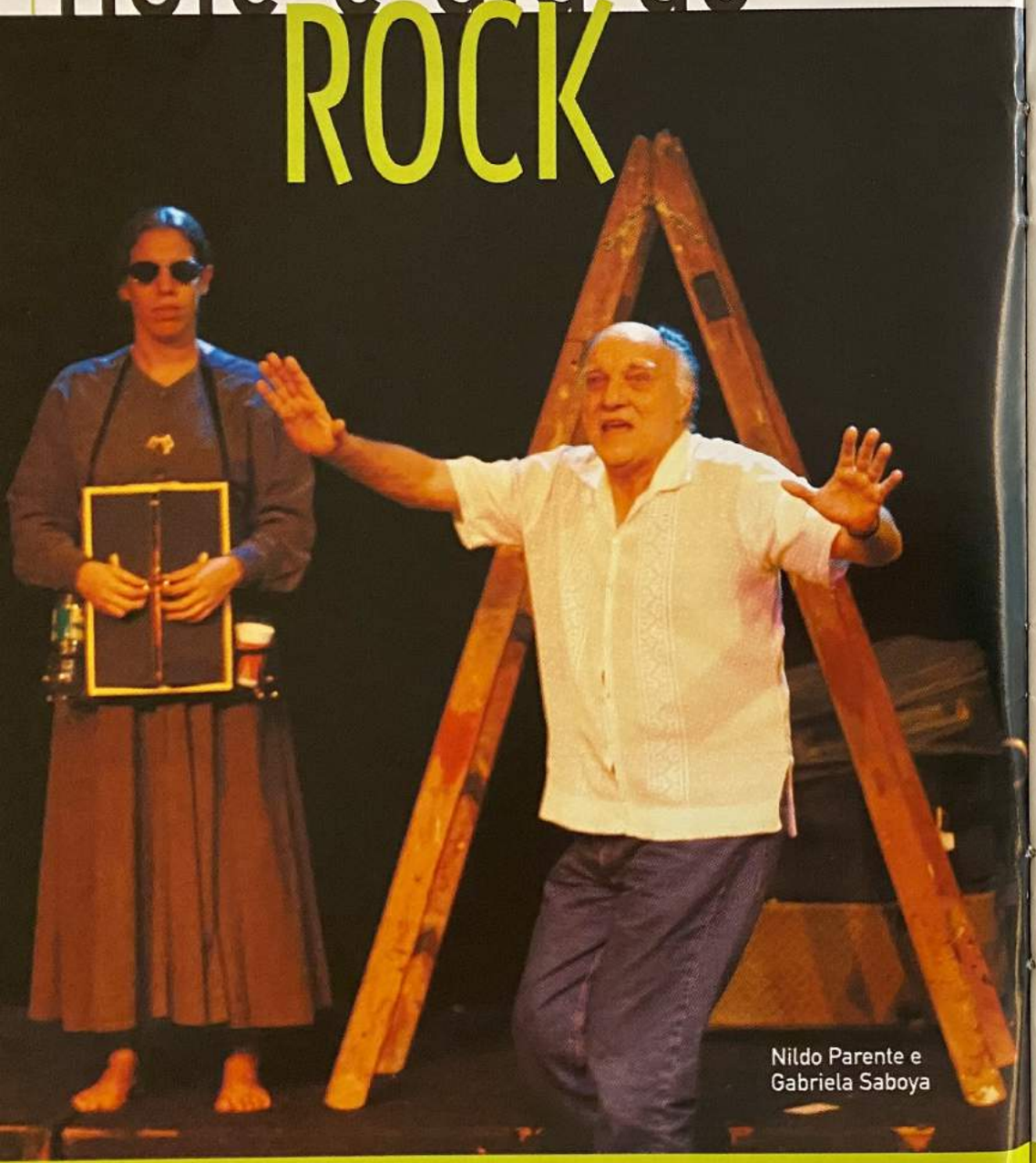
Os oito atores manipulam 11 bonecos em pouco mais de uma hora de espetáculo. *Filme Noir* conta a história de Gregory, um fracassado detetive procurado por uma cantora de jazz, Verônica de Vitta, que jura estar sendo perseguida. Durante a investigação, ele próprio chega a conclusão de que também está sendo perseguido. Os motivos são sombrios, assim como o clima da peça. Há ainda outros dois personagens: o poderoso-chefão Guido Bino e o *barman*. Ambos tão suspeitos quanto a misteriosa mulher fatal, prometendo boa dose de suspense para os fãs do gênero.

Quem é a Pequod?

Criada em 1999 com a montagem do espetáculo adulto Sangue Bom, a Cia. Pequod leva ao palco seu trabalho mais maduro sobre a linguagem cinematográfica aplicada ao teatro de animação. Investigação que faz da Pequod uma das companhias brasileiras mais originais na cena teatral de bonecos, restaurando a tradição para qualquer tipo de público e incorporando temáticas ainda pouco exploradas por este tipo de teatro. Paralelamente ao trabalho no teatro, a Pequod realizou no cinema os bonecos e cenários do média-metragem Debret, uma Aquarela do Brasil (2000), de Jom Tob Azulay, e um trecho de Teatro de Sombras no longa-metragem Copacabana (2001), de Carla Camuratti.

FOTOS: SIMONE RODRIGUES/DIVULGAÇÃO

Hoje é dia de ROCK



Nildo Parente e Gabriela Saboya

FOTO: GUILHERME VIDAL/DIVULGAÇÃO

Sucesso dos anos 70 ganha nova montagem.

O título pode dar a impressão de ser um musical. Mas *Hoje é Dia de Rock* conta a saga de uma família que sai do sertão de Minas e tenta sobreviver numa capital movida a consumo. Grande sucesso de José Vicente que ficou um ano em cartaz nos anos 70, o espetáculo está sendo encenado no Espaço Cultural Sergio Porto, tendo Nildo Parente e Suzana Faini à frente de um elenco de 18 atores.

Nildo interpreta o patriarca Pedro Fogueteiro, músico sonhador que procura descobrir uma clave musical jamais inventada. Já Suzana é a mãe Adélia, que vê na fuga para a cidade grande a única chance de uma vida digna para os cinco filhos. Lá, porém, a prole se deslumbra com o jeito americanizado de se vestir, comportar e consumir. Um drama que discute tradição e modernidade, embalado pela trilha do músico Marcelo Yuka – ele faz sua estréia em direção musical no teatro.

Por meio de quadros com várias passagens de tempo, a trama mostra como cada um dos filhos lida com as mudanças: um vai para o seminário, o outro quer fugir de casa, a filha cega cuida do oratório da família e a caçula sonha com Elvis Presley (interpretado pelo ator negro Denis Gonçalves).

"A família não permanece unida. Cada um vai para o seu canto. A Adélia sofre com isso, mas sabe que essa é a única opção de sobrevivência dos filhos", conta a protagonista Suzana, que na primeira versão da peça interpretou a Índia Dourada – espécie de visão que persegue o sonhador Pedro Fogueteiro (hoje vivida por Tatynne Lauria).

Já Nildo Parente teve a oportunidade de viver o mesmo papel em 1972, substituindo o protagonista Rubens Corrêa. "Mas foi só nos últimos meses. Eu era um dos filhos, Davi, e o Rubens era o Pedro. Como teve de se afastar para dirigir outro espetáculo, ele me convidou para substituí-lo. De terça a sexta eu era Pedro. No final de semana voltava a ser o Davi", recorda.

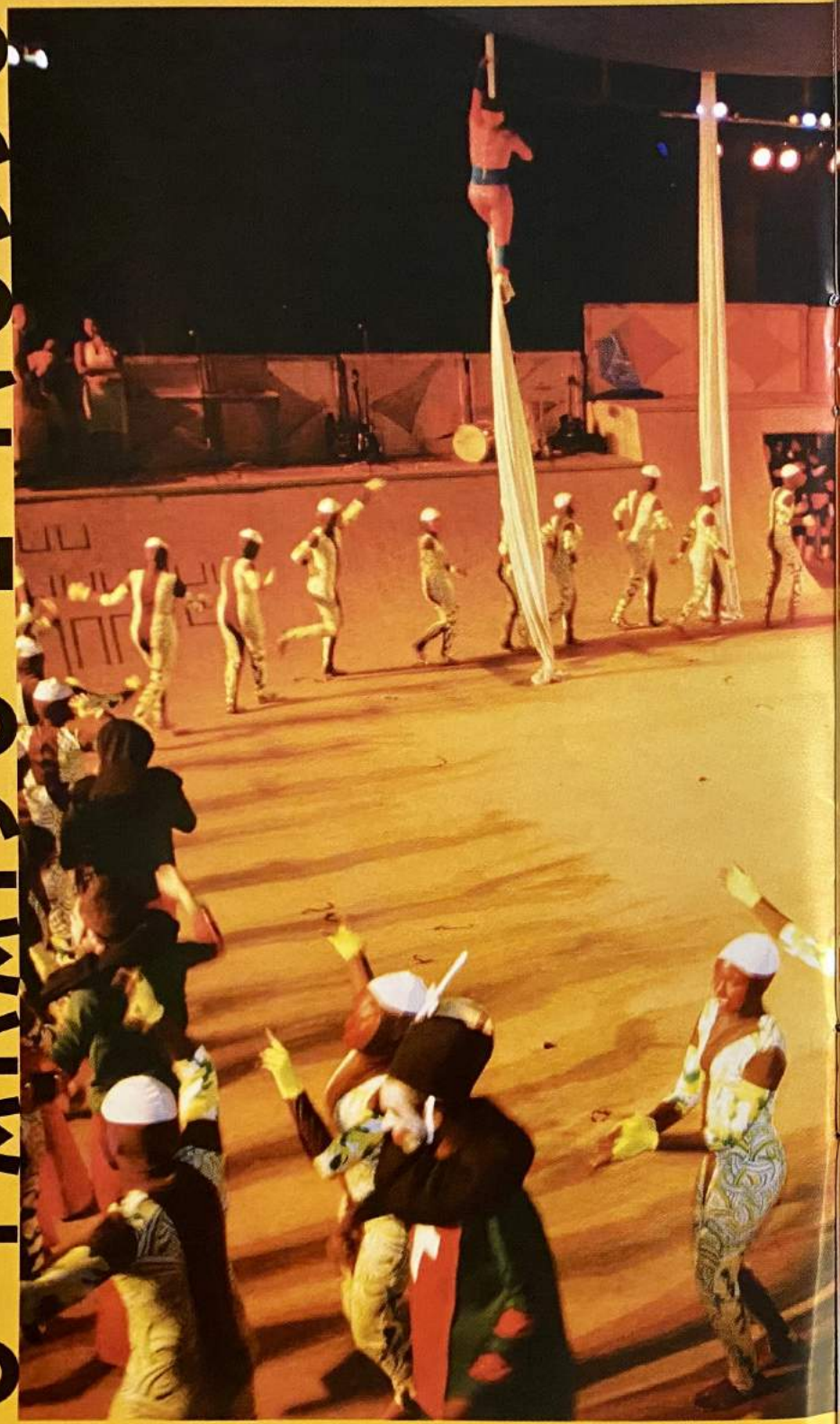
O título ainda parece estranho? Mistério desfeito: *Hoje é Dia de Rock* era o nome de um programa na Rádio Mayrink Veiga, apresentado por Jair de Taumaturgo. Na trama, o programa é o preferido da filha caçula.

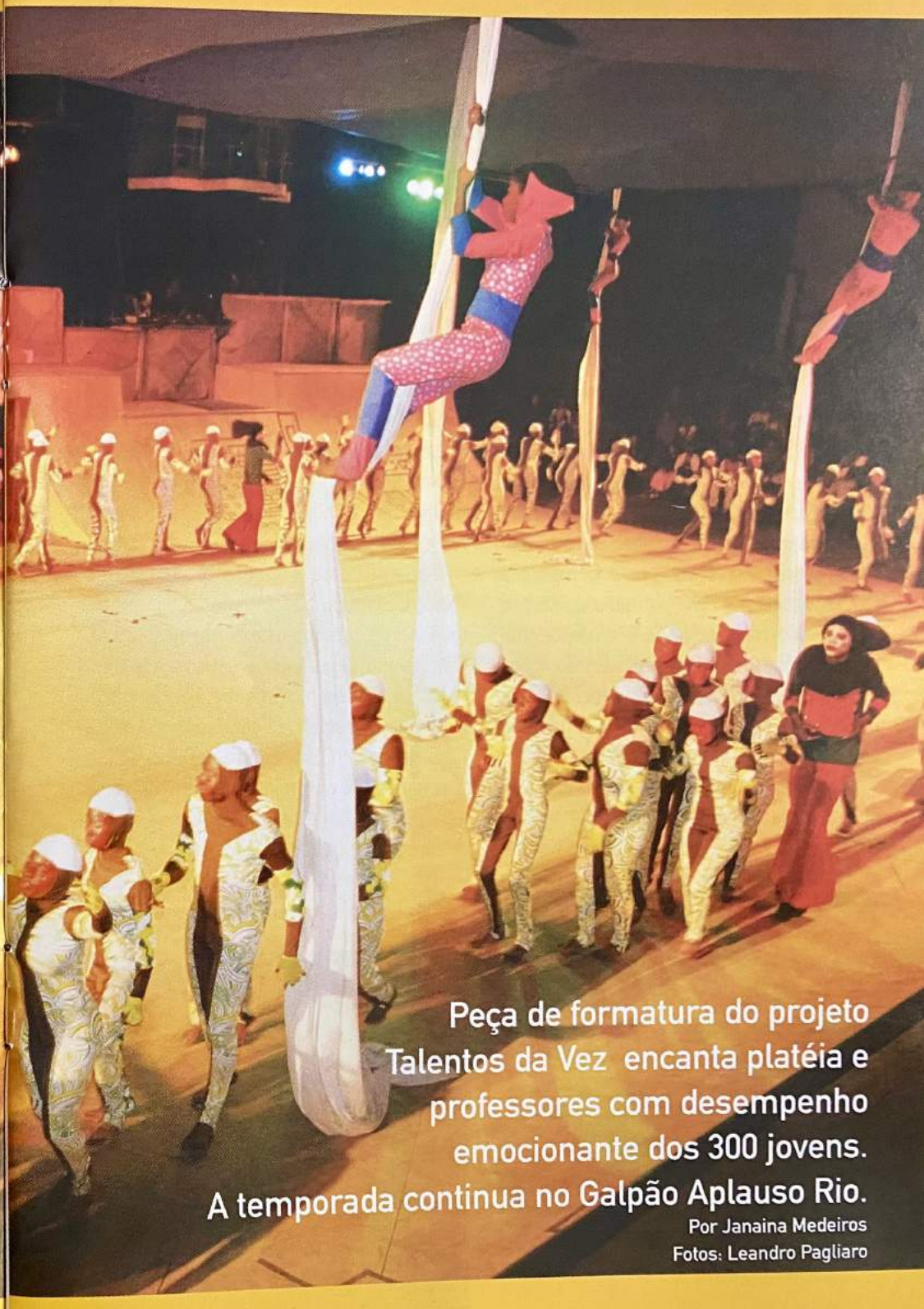
Antes e depois

Hoje é Dia de Rock ficou em cartaz no Teatro Ipanema por um ano exatamente, entre 12 de outubro de 1971 e 12 de outubro de 1972. Dirigido e protagonizado por Rubens Corrêa, ao lado de Isabel Ribeiro, no início o espetáculo não lotava as sessões. Mas logo ganhou força no boca-a-boca e virou o grande sucesso da temporada. Seguindo o clima hippie e festivo do início dos anos 70, os atores faziam bolinhas de sabão e distribuíam flores. Nascido no ano 1971, o diretor Faustini não quis qualquer semelhança com a primeira montagem e optou por uma releitura moderna.

"Se repetíssemos o clima flower power, a peça ficaria datada", diz Nildo Parente, satisfeito por começar do zero.

O PARAÍSO É NOSSO





Peça de formatura do projeto Talentos da Vez encanta platéia e professores com desempenho emocionante dos 300 jovens. A temporada continua no Galpão Aplauso Rio.

Por Janaina Medeiros

Fotos: Leandro Pagliaro

Os números impressionam: 64 atores, 14 músicos, 13 integrantes do coral, 1 cantora solista, 1 puxador de samba, 1 banda de rock, 1 grupo de pagode, 53 dançarinos, 8 acrobatas aéreos, 60 responsáveis pela confecção do cenário e adereços, 5 integrantes da equipe de áudio e 6 skatistas. Mas nada maior do que a emoção da superação. Para os 300 jovens que tiveram a oportunidade de integrar a primeira etapa do Talentos da Vez, o show foi sinônimo de vitória.

Não à toa. Durante seis meses eles enfrentaram dificuldades geográficas, físicas e financeiras para se dedicar às oficinas de teatro, dança, circo, música e artes plásticas ministradas no Galpão Aplauso (uma parceria da Revista Aplauso com a Companhia Docas, situado na zona portuária do Rio). E o resultado foi a colorida e emocionante apresentação de O Paraíso É Nosso, peça de formatura do projeto criado pela Prefeitura do Rio e realizado pelo CIEDS em parceria com a Revista Aplauso.

"Todos foram muito guerreiros. E é este tipo de força que move o teatro: a magia de reunir as pessoas", resume Gringo Cardia, que assinou os figurinos e dividiu com Lúcia Coelho a direção artística do espetáculo. Uma sensação de encantamento que tomou conta não só dos 60 professores e 20 membros da equipe Galpão Aplauso Rio - mesmo atores veteranos ficaram comovidos com a garra e a segurança dos jovens no palco.

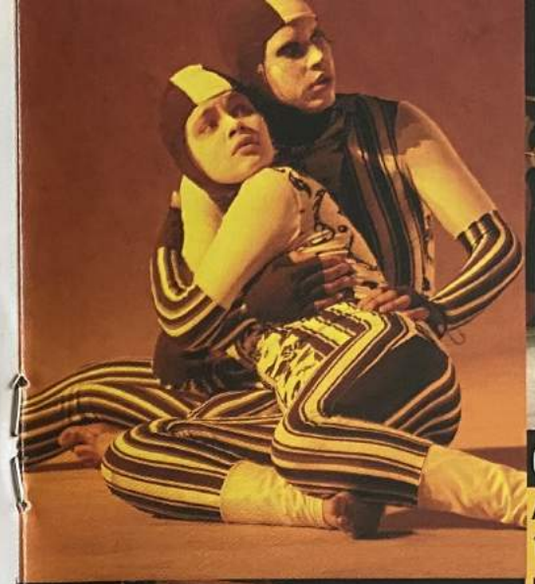
É o caso da experiente Zezé Polessa, presente à estréia. "Estou impressionada. E o mais importante de projetos como este é apresentar o jovem ao teatro. Nem todos aqui devem querer se tornar artistas, mas com certeza a semente da cultura está plantada em todos", diz a atriz, que aplaudiu de pé a primeira das únicas quatro apresentações da peça.

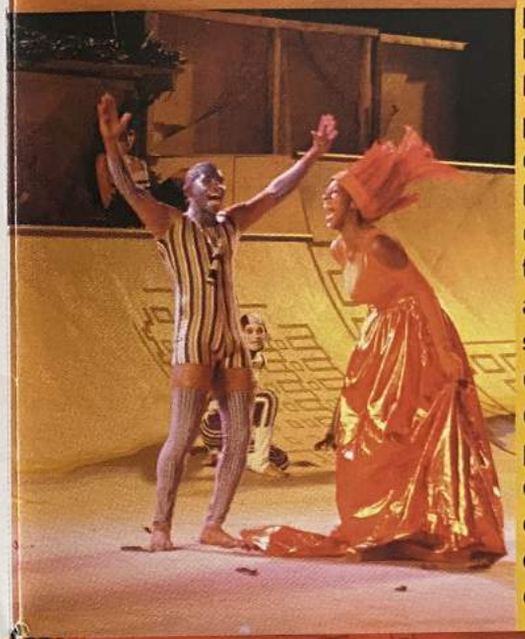
O Xamã e as lendas

No primeiro movimento de O Paraíso é Nosso, o público pode conferir as lendas da tradição xamanistas a respeito da criação do mundo. De acordo com a crença indígena, um povo sábio e religioso ocuparia a terra brasileira. O que faria dela, assim, um paraíso perfeito. Foi a partir desta premissa que a autora Marília Gomes Martins pesquisou quatro importantes lendas – da criação do mundo, da noite, do fogo e do sol e da lua – e fundamentou o texto.

Destaque para a marcante atuação de César Calixto do Nascimento, que interpretou o Xamã, protagonista do ato de abertura. Com muita segurança e carisma ele executou os difíceis movimentos de acrobacia e encenou o papel de líder da tribo. Aos 23 anos de idade, César estava desempregado quando soube do projeto Talentos da Vez e viu a oportunidade de se inscrever na oficina de circo, sua grande paixão.

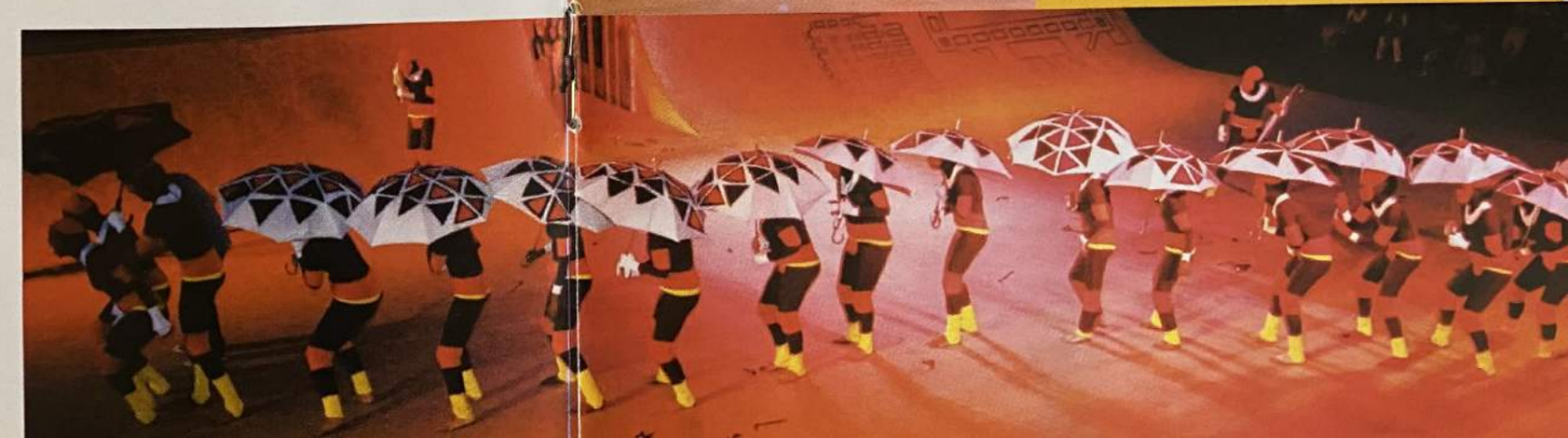
"No início eu faria só os movimentos do Xamã. De dois meses para cá soube que

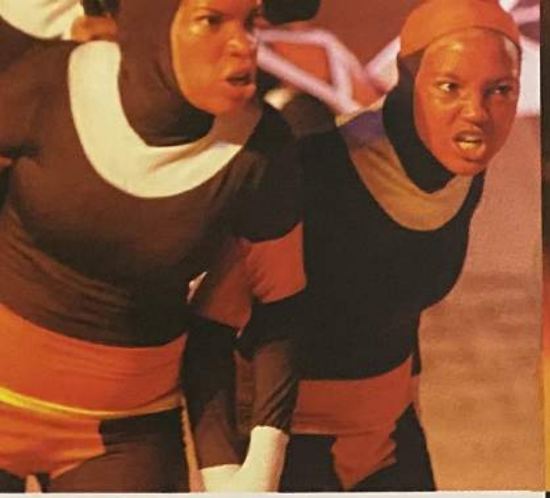


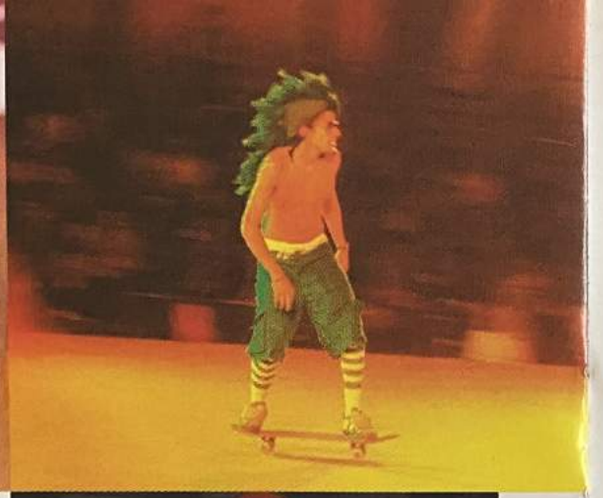


Como foi o Talentos da Vez

A largada teve início em março deste ano, quando 1800 jovens de baixa renda se inscreveram para o projeto social do Favela Bairro, lançado pela Prefeitura do Rio em parceria com o CIEDS e a Revista Aplauso. Destes, 600 foram selecionados para a primeira etapa – que consistiu em aulas de Direitos Humanos, Cidadania, Português, Redação, História da Arte e noções do mercado de trabalho na área cultural. Baseando-se no talento em potencial de cada um para as artes, além do seu desempenho nas aulas, a etapa seguinte favoreceu os 300 alunos de mais destaque - que ganharam o direito de participar das oficinas de teatro, dança, circo, música e artes plásticas ministradas três vezes por semana, em dois turnos. E todos eles participaram do espetáculo de formatura O Paraíso É Nosso, colaborando em cada uma das áreas de sua especialização no projeto.







teria um texto para interpretar também. Para mim foi o melhor presente que poderia receber", conta. Morador de Rocha Miranda (subúrbio da central), César não tinha planos para o seu futuro profissional. Seu último emprego foi como reservista da paz no 9º BPM. Agora não tem mais dúvida. "Quero muito ser ator e vou batalhar para que esta seja a minha profissão", promete.

Fado Tropical

Já no segundo ato o que se viu foi uma grande paródia do primeiro contato dos índios com o homem branco. Com muita graça, parte do elenco simulou os movimentos do mar durante a chegada das caravelas ao litoral brasileiro. Uma ameaça ao paraíso perdido que lançou raízes para o nosso futuro.

Neste movimento o grande destaque foi vocal. Coube a Luciana Azevedo Pereira a responsabilidade de cantar a belíssima Fado Tropical, de Chico Buarque. Com apenas 16 anos, a adolescente saiu de Coelho Neto (subúrbio da central) para brilhar. "Antes só cantava no chuveiro e no videokê. Mas sempre tirava notas altas e sonhava em ser cantora. Agora tenho certeza do que quero graças à

Luciana

FOTO: ANA PAULA OLIVEIRA MIGLIARI

equipe do Galpão Aplauso", diz Luciana.

Para o maestro José Braga, que capacitou os alunos para tocar os instrumentos e participar do coral, o resultado superou as expectativas. "Todos me surpreenderam com a atenção nas deixas e nas marcações. Eles têm uma capacidade de superação única".

Chave de ouro

Do contato do índio com o branco teve início a miscigenação de raça e costumes, bases para o nosso presente. E a passagem de tempo foi marcada por skatistas, que utilizaram o formato half pipe do palco-pista para fazer sua performance e aproximar O Paraíso é Nosso à cultura street. Com uma caricatura graciosa dos povos que imigraram para o Brasil nos últimos 500 anos, os jovens atores interpretaram negros, orientais e europeus. E o espetáculo encerrou com chave de ouro com o aluno Leonardo Pereira Nunes, que puxou o samba Tá na Hora, Tá na Hora. No maior clima de festa e missão cumprida. Mais fiel à realidade, impossível.

Tão guerreira quanto a tribo de índios na trama foi a equipe da oficina de teatro no projeto Talentos da Vez. Nos últimos meses, Lúcia Coelho (diretora do espetáculo), Fábio Pillar, (assistente de direção) e os professores de interpretação Gualter Costa e Ana Baird enfrentaram o desafio de apresentar a linguagem cênica a alunos que sequer assistiram uma peça antes. E que atuariam num evento inesquecível.

Destes 300 alunos, 150 serão aproveitados para a terceira fase do Talentos da Vez (veja Box). Mas todos, sem exceção, estão com seus futuros mais promissores.

Como será a continuação do Talentos da Vez

Na noite da estréia de O Paraíso é Nosso, a Prefeitura do Rio anunciou a renovação do projeto por mais sete meses. Uma nova seleção entre os 300 jovens será feita, e a partir de agora, 150 meninos e meninas estarão recebendo capacitação artística com conteúdo e técnica, capaz de semi-profissionalizar estes jovens. Uma Companhia de Dança, uma Companhia de Teatro, uma Trupe de Circo, um Atelier de Artes Plásticas, e Grupos de Música e Canto formarão a nova estrutura do Projeto Talentos da Vez.

Equipe da oficina de teatro: Fabio Pilar Lucia Coelha Ana Baird Gualter Gomes

FOTO: ANA PAULA OLIVEIRA MIGLIARI

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A PRECE DA DONZELA

Trama sobre o relacionamento entre duas irmãs e dois amigos. Texto: Gilberto Gawronski. Com Gilberto Gawronski, Ângelo Paes Leme. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb).

A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM

Jovem recém-formado é seduzido por uma mulher casada com o sócio de seu pai, mas acaba se apaixonando pela filha. Texto: Terry Johnson. Direção: Miguel Falabella. Com Vera Fischer, Perry Sales, Armando Babaioff, Rafaela Fischer. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (qui. e sex.) e R$ 60 (sáb. e dom.).

A SAGA DA SENHORA CAFÉ

Comédia sobre mulher que fica viúva após o assassinato do marido em sua própria casa. Texto: Heloísa Périssé. Direção: Marília Pêra. Com Ilvio Amaral, Maurício Canguçu e elenco. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

A TEMPESTADE

Último texto de William Shakespeare. Mostra a luta do mago Próspero para punir seus inimigos e restabelecer a ordem no mundo. Direção: Luiz Arhur Nunes. Com Henrique Pagnoncellis, Maria Esmeralda Forte, Ivo Fernandes. **Teatro Gláucio Gill** (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). Fone: 2299-5580. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

ABALOU BANGU

Casal de classe média vende a casa onde morou por 30 anos em Bangu para comprar um apartamento em Copacabana. E tenta se acostumar com os hábitos da zona sul. Texto e direção: Flávio Marinho. Com Cristina Pereira e André Valli. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Vermelha** (Av. das Américas, 3.555, Barra). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 35 (sáb.).

ALUGA-SE UM NAMORADO

Mulher solteirona contrata ator para fingir ser seu namorado. Texto: James Schermann. Direção: Carlos Magalhães. Com Eri Johnson, Mara Manzan, Cláudio Heinrich. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui. e sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.).

APLAUSO TEATRO 5 ANOS

ANTONIO MARIA, A NOITE É UMA CRIANÇA

Vida e obra do escritor, mostrando seu sucesso como cronista e compositor desde que chegou ao Rio até sua morte. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Marcos França, Alexandre Dantas e Cláudia Ventura. **Teatro Maria Clara Machado/ Planetário** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

BOATOS DA OUVIDOR

Esquetes cômicos sobre as mudanças na sociedade e geografia do Rio durante as obras realizadas por Pereira Passos. Texto: Arthur Azevedo. Adaptação e direção: Maria Cristina Gatti. Com Marcos Garcia e Paulo Japyassu. **Teatro Gláucio Gill – Café do Gláucio** (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). Fone: 2299-5580. Sexta e sábado, 18h30. R$ 15.

BOCA DE OURO

Clássico de Nelson Rodrigues contando trajetória de um bicheiro de Madureira que arrancou seus dentes para colocar uma dentadura de ouro. Direção: Carlos Gregório. Com Felipe Camargo, Nanah Garcia, Maria Clara Gueiros. **Teatro do Jockey** (Rua Mario Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. Sexta a domingo, 21h. R$ 15.

BUDA

Monólogo com mulher de 35 anos que recorre aos conselhos do esoterismo e do melhor amigo gay para tentar se acertar no amor. Texto: Clarice Niskier. Direção Domingos de Oliveira. Com Clarice Niskier. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta a domingo, 21h. R$ 15. Estréia dia 27 de agosto.

CRISTAL BACHARACH

Comédia musical, com visual retrô e canções de Burt Bacharach, mostrando os preparativos para o sexto casamento da matriarca Lara Elle. Texto e direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Totia Meireles, Cristiano Gualda. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 15.

DEVE HAVER ALGUM SENTIDO EM MIM QUE BASTA

Cinco personagens buscam sentido para suas vidas em três épocas diferentes. Texto: Cia. Teatro Autônomo. Direção: Jefferson Miranda. Com Adriano Garib, Diogo Salles, Gisele Froés. **Teatro III do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 19 de setembro.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

DILÚVIO EM TEMPOS DE SECA

Escritor e modelo passam dias presos num banheiro enquanto cai um dilúvio que os isola do mundo. Texto: Marcelo Pedreira. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Giulia Gam e Wagner Moura. **Teatro Dulcina** (Rua Alcindo Guanabara, 19, Cinelândia). Fone: 2240-4879. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Estréia dia 3 de setembro.

E AGORA? O QUE EU FAÇO?!

Marido morre na véspera da Páscoa e mulher dialoga com ele, trazendo à tona boas e más lembranças de 50 anos de casamento. Texto: Regina Helena de Paiva Ramos. Direção: Jacqueline Laurence. Com Rosamaria Murtinho e Cláudio Cavalcanti. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 35 (qui., sex.dom.) e R$ 40 (sáb.). Estréia dia 9 de setembro.

FAZENDO ANA PAZ

Peça que narra o processo de criação de uma escritora. Texto: Lygia Bojunga. Realização: Adriana Maia e Dada Maia. **Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim – Sala Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

FILME NOIR

Teatro de marionetes adulto, inspirado nos filmes de suspense dos filmes hollywoodianos dos anos 50. Texto e direção: Miguel Vellinho. Com Mariane Gutierrez, Liliane Xavier, Maria Rego Barros e elenco. **Espaço Sesc – mezanino** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 21h. R$ 10. Até 5 de setembro.

GRANDE OTHELO – ÊTA MOLEQUE BAMBA

Biografia musical do ator, compositor, músico, dançarino e diretor que morreu em 1990 aos 78 anos. Texto e roteiro: Douglas Tourinho. Direção e roteiro: André Paes Leme. Com Flavio Bauraqui, Mauricio Tizumba, Vilma Melo. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Estréia dia 3 de setembro.

HOJE É DIA DE ROCK

Saga de uma família do interior de Minas que migra para a capital e se vê seduzida pela sociedade de consumo. Texto: José Vicente. Direção: Marcus Vinicius Faustini. Com Nildo Parente, Suzana Faini. **Espaço Cultural Sergio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, meia-noite (até 4 de setembro). Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h (entre 9 de setembro e 3 de outubro). R$15.

NAVALHA NA CARNE

A peça conta a história da prostituta Neusa Sueli, ao lado do cafetão e amante Vado e do homossexual Veludo. Texto: Plínio Marcos. Direção: Joaquim Goulart. Com Cácia Goulart, Edmilson Cordeiro e Genésio Guerra. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10. Estréia dia 3 de setembro.

NOITES BRANCAS

História de amor, sonho e solidão escrita por Fiodór Dostoievski. Narra o encontro de jovem sofredora com um andarilho. Direção: Yara de Novaes. Com Débora Falabella e Luiz Athur. **Sala Baden Powell** (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Estréia dia 3 de setembro.

NOTÍCIAS CARIOCAS

No Rio Antigo, dono de jornal sensacionalista é ameaçado ao acusar famoso piloto, herdeiro do jornal rival, de ser o principal suspeito de um assassinato. Texto: Filipe Miguez. Direção: Enrique Diaz e Ivan Sugahara. Com Bel Garcia, Cesar Augusto, Drica Moraes, Felipe Rocha. **Teatro I do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10.

OS IGNORANTES

Monólogo escrito, dirigido e atuado por Pedro Cardoso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

PAISAGEM

Monólogo lírico sobre uma mulher atormentada que vive em busca de uma ascensão espiritual. Texto: Jac Fagundes. Direção: Daniella Visco. Com Jac Fagundes. **Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim – Sala Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Terça e quarta, 21h. R$ 20. Até 22 de setembro.

QUALQUER GATO VIRA-LATA TEM UMA VIDA SEXUAL MAIS SADIA QUE A NOSSA

Diante do fracasso de sua vida sentimental, mulher decide ouvir conselhos de um biólogo para reconquistar seu namorado. Texto: Juca de Oliveira. Direção: Bibi Ferreira. Com Giuseppe Oristanio, Felipe Folgosi e Fabiana Alvarez. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30.

APLAUSO TEATRO 5 ANOS

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Domingo, 20h. R$ 25 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 35 (sáb.).

QUINCAS BORBA

Primeira versão teatral da obra de Machado de Assis. É a história de Rubião, enfermeiro particular do filósofo Quincas Borba, que morre e deixa toda sua fortuna ao amigo desde que ele cuide do seu cão. Direção e dramaturgia: Haroldo Rego. Com Jandir Ferrari, João Vitti. **Espaço Sesc-Copacabana – mezanino** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$10. Estréia 9 de setembro.

SINATRA, OLHOS AZUIS

Homenagem musical ao ícone da canção romântica americana. Texto e direção: Cláudio Figueira. Com Maurício Baduh, Neti Szpilman. **Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50.

SÓ MAIS UMA PEÇA

Hacker investiga a vida de três médicos e descobre que nenhum deles é o que parece ser. Texto e direção: Daniel Tendler. Com Felipe Marques, Julia Barreto. **Teatro Carlos Gomes – Sala Paraíso** (Pça. Tiradentes , s/nº, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 10. Até 5 de setembro.

SOPPA DE LETRA

Espetáculo solo de Pedro Paulo Rangel, que interpreta cerca de 70 letras da MPB, dos anos 30 até hoje. Roteiro: Pedro Paulo Rangel, Antonio de Bonis e Naum Alves de Souza. Direção: Naum Alves de Souza. **Teatro Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.) e R$ 20 (sáb. e dom.).

UMA LOIRA NA LUA

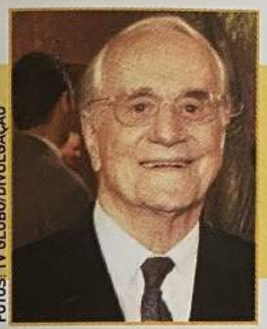
Espetáculo que homenageia a comediante americana Lucille Ball, famosa pelo seriado de TV *I Love Lucy*. Texto: Ana Paula Botelho, Marcelo Mello e Mario Hermeto. Direção: Luiz Antonio Rocha. Com Alexandra Richter. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

Z. É. (ZENAS EMPROVISADAS)

Comédia de esquetes interativos, com maratonas de improvisos, convidados especiais e cenas sugeridas pelo público. Com Fernando Caruso, Gregório Duvivier, Marcelo Adnet e Rafael Quiroga. **Teatro Maria Clara Machado/ Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, s/nº, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça, 19h30 e 21h30. R$ 10.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Navalha na carne

"Joaquim Goulart fez do texto de Plínio Marcos um espetáculo forte, novo, belíssimo, que agarra a platéia e emociona durante todo o tempo. E Cácia Goulart é uma grande atriz."

Paulo Autran, ator

As fabulosas

"O espetáculo tem uma certa despretensão que eu, particularmente, gosto bastante. O elenco está com bastante garra e defendendo muito bem este texto ótimo."

Leonardo Carvalho, ator

A primeira noite de um homem

"Já conhecia bem o texto e fiquei surpresa com o que vi. E essa foi a melhor reação que eu poderia ter. Afinal, é difícil se surpreender com o que se conhece tão bem."

Maitê Proença, atriz

Aluga-se um namorado

"Vale a pena porque é uma comédia sobre família, criada com inteligência e sem apelação. Sem falar no humor do Eri Johnson, que é imbatível. Diverte dos 8 aos 80 anos!"

Mara Manzan, atriz

FOTO: DIVULGAÇÃO

Êta moleque bamba!

Três atores vivem diferentes fases de Grande Othelo em biografia musical.

Por Janaina Medeiros

Uma oportunidade para relembrar um ícone da nossa cultura no século 20. Assim é *Grande Othelo – Êta Moleque Bamba*, homenagem ao pequeno grande ator que atravessou fronteiras com o seu múltiplo talento. Ele morreu há pouco mais de 10 anos. Uma biografia musical repleta de tragédia e comédia, que promete emocionar a partir de 3 de setembro no Teatro SESI.

Para interpretar um personagem tão complexo, o autor Douglas Tourinho e o diretor André Paes Leme optaram por dividir a tarefa entre três atores. Flávio Bauraqui, Maurício Tizumba e Vilma Melo vivem diferentes fases da vida de Grande Othelo. "O texto não segue uma ordem cronológica. É uma montanha-russa de emoções, assim como foi a sua vida", explica Bauraqui, que este ano protagonizou *Cartola*.

Irreverência & Energia

"Grande Othelo foi um dos artistas mais importantes da sua época. Foi um empreendedor que lutou pelo seu espaço e abriu as portas para os atores negros como eu, embora eu não goste desse rótulo. Aliás, nem ele próprio gostava. O Grande Othelo não militava pela causa negra. Ele considerava que o simples fato de estar no palco já era uma militância", lembra o ator.

Apesar de estarem em "tempos" diferentes, as três versões de Grande Othelo chegam a contracenar entre si. Um artifício para mostrar sua irreverência. "Estou tentando fazer um espetáculo com a alegria que ele transmitia. Ao mesmo tempo que usamos fatos da vida de Othelo, nem sempre muito tranqüila, quero trazer para o palco a descontração, a vitalidade e um toque de improviso que eram a marca do ator", conta o diretor.

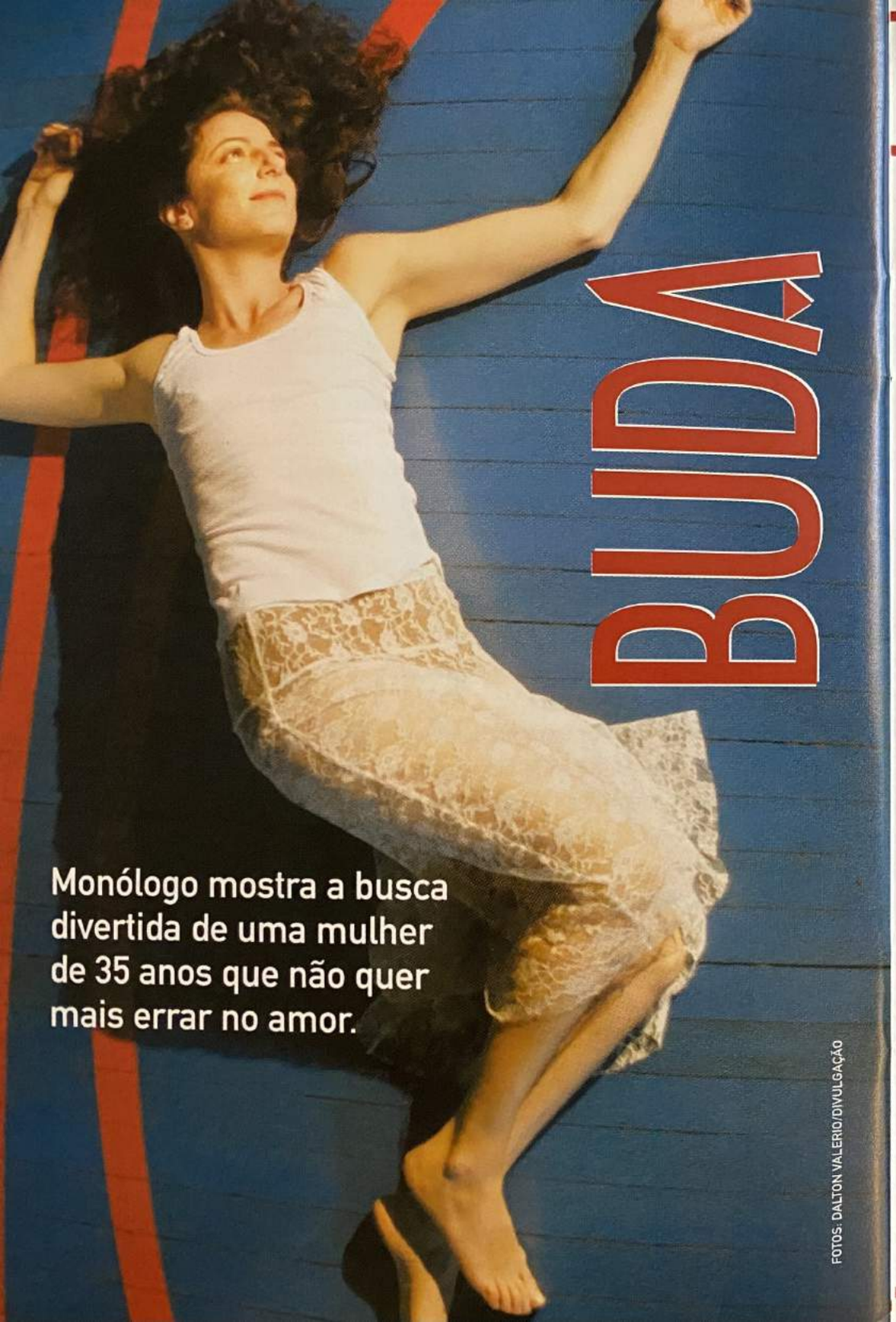
Glórias & desilusões

A peça relembra a infância de Sebastião Bernardes de Souza Prata em Uberlândia (MG), onde o artista encantava os hóspedes de um hotel e assistia fascinado aos filmes de Chaplin. Conta também sua chegada ao Rio de Janeiro, onde ganha o nome artístico. Seu trabalho com Carlos Machado na fase de ouro dos cassinos. Sua parceria musical com Herivelto Martins, que o revela e o consagra como compositor. E, claro, a época do filmes da Atlântida e o sucesso com Oscarito, além de seu encontro com Orson Welles.

Grande Othelo mostra ainda momentos trágicos da vida pessoal, como a morte da mulher Lúcia e do seu filho, o mergulho no alcoolismo e os últimos dias de sua vida até a viagem à França para receber uma homenagem do *Festival des Trois Continents*, em Nantes. Ele sofre um ataque cardíaco e morre ao desembarcar no aeroporto de Paris, aos 78 anos de idade. "O grande conflito da vida de Othelo é que ele queria ser reconhecido como um grande artista e não como um cômico, um bufão", conta Tourinho.

Pequeno grande artista

Grande Othelo estaria completando 90 anos em 2005. Com direção musical de Luis Felipe de Lima e Ernani Maletta, a peça é o primeiro passo do projeto Biênio Grande Othelo – que inclui um documentário, a recuperação do acervo do ator, um site e uma exposição. Cantor, dançarino e intérprete de músicas populares como No Tabuleiro da Baiana, Marchinha do Gago e Rasguei a Minha Fantasia, Grande Othelo também era compositor de sucessos, entre eles Praça Onze, em parceria com Herivelto Martins.



BUDA

Monólogo mostra a busca divertida de uma mulher de 35 anos que não quer mais errar no amor.

FOTOS: DALTON VALERIO/DIVULGAÇÃO

Agora precisa dar certo. Este poderia ser o lema de *Buda*, peça escrita, produzida e estrelada por Clarice Niskier que mostra as fantasias, ansiedades e tropeços femininos na busca de um grande amor. Tudo com muito humor e autocrítica. A estréia é dia 27 de agosto, no Porão da Casa de Cultura Laura Alvim, sob direção de Domingos de Oliveira.

É a oitava vez que Clarice e Domingos trabalham juntos — e a segunda depois da estréia da atriz como autora em *Mulheres de 30*, há 10 anos. "Considero *Buda* uma carreira solo de *Mulheres de 30*. É uma solteirona que está a caminho de *Confissões de Mulheres de 40*", compara, referindo-se ao último espetáculo em companhia de Dedina Bernadelli, Cacá Mourthé, Priscila Rozembaum e Domingos de Oliveira.

Desencontros

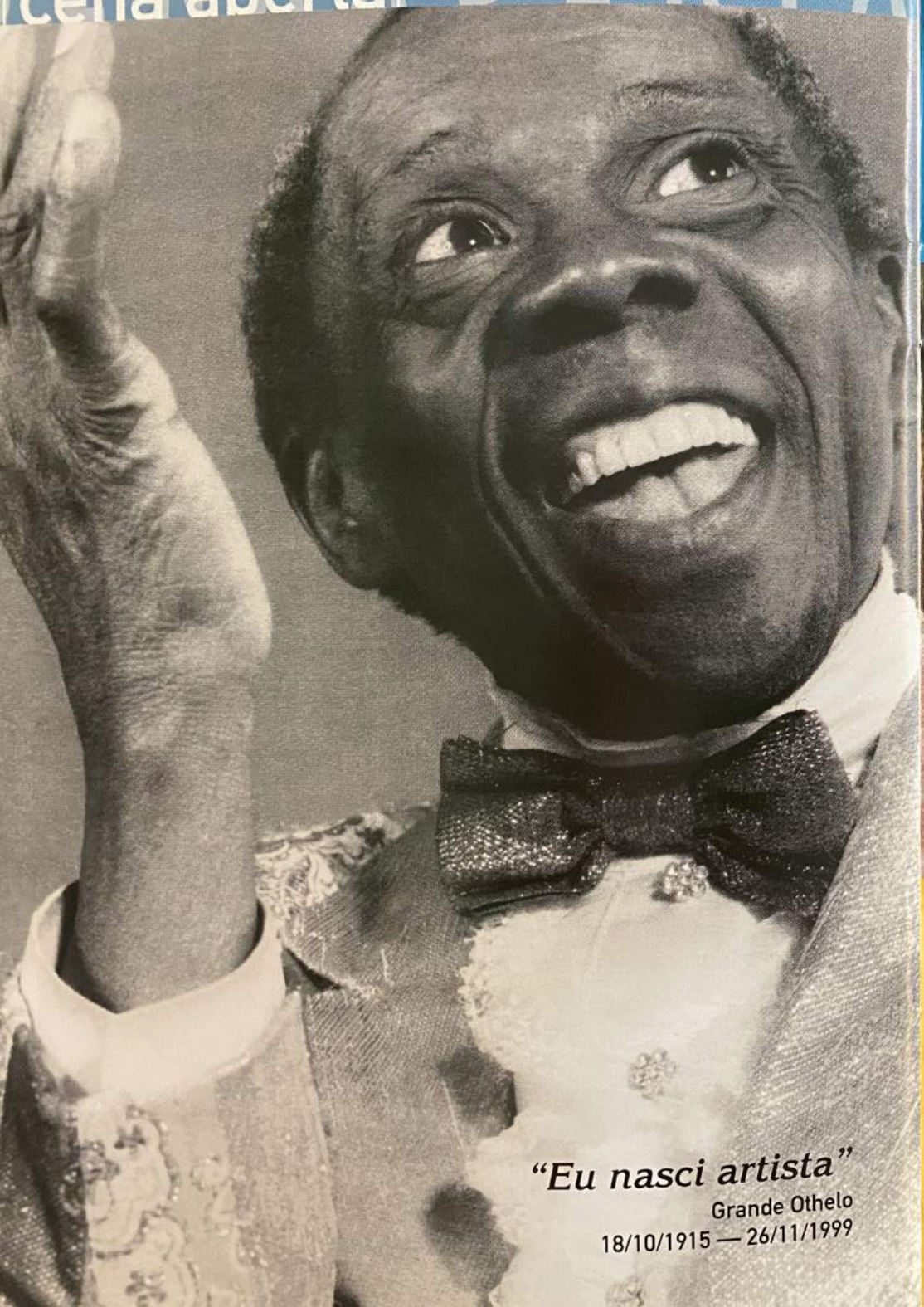
Em *Buda*, acompanhamos o drama de *Ela* – personagem por volta dos 35 anos que é dispensada pelo namorado e decide não mais errar no amor. Cansada de ser solteira, *Ela* faz de tudo para encontrar a cara-metade. Apela para o budismo e misticismo. Passa pelo tarot, astrologia, runas e até faz simpatias. Tudo isso antes de parar na psicanálise e perceber que não consegue ficar sozinha.

Mas os problemas não param por aí. *Ela* se vê metida num triângulo amoroso mais conturbado que seu relacionamento anterior. E, como se não bastasse, tem um amor platônico por um amigo gay, com quem troca confidências. O desfecho? Clarice mantém suspense. Só adianta que é diferente de todas as previsões.

"O título da peça acaba sendo uma grande brincadeira. *Ela* é tudo, menos centrada. O oposto do budismo", lembra Clarice. "O grande barato da personagem é que ela tem de passar por tudo isso para perceber que não há uma fórmula do amor. E que é preciso renunciar a outros homens para se escolher apenas um".

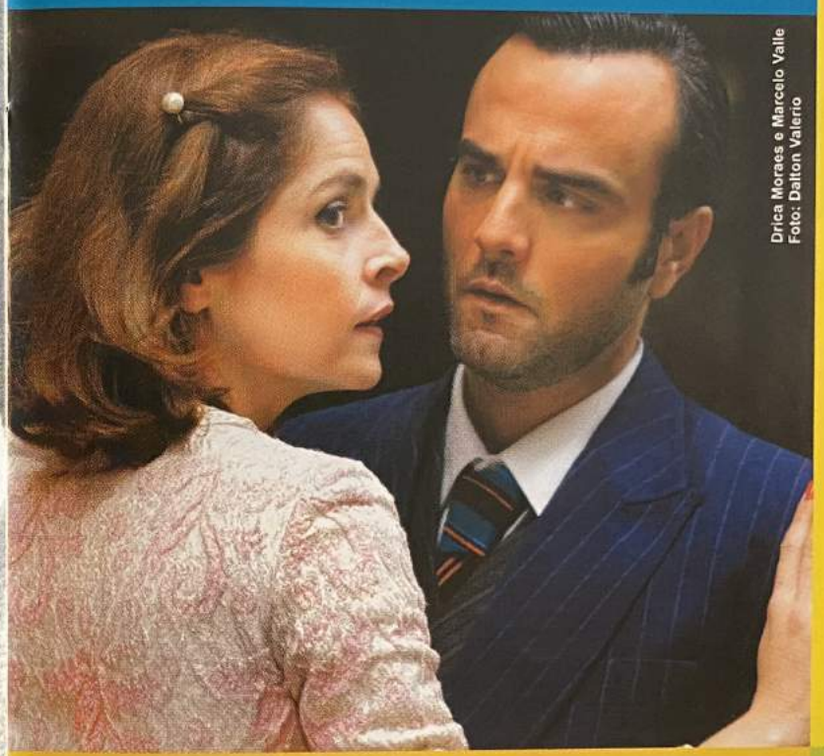
Uma peça, duas versões

Com cenário de Gringo Cardia remetendo a uma quadra de futebol, figurino de Joana Feibel e música de José Maria Braga, a versão 2004 de Buda promete um ritmo mais frenético que o da primeira temporada há dois anos, que aconteceu na Casa da Gávea. "Em 2002 a montagem foi muito curta por causa de outros compromissos profissionais. Agora resolvi retomar o texto enxugando algumas partes. O espetáculo está mais sintético e ágil", afirma a autora e protagonista.



"Eu nasci artista"
Grande Othelo
18/10/1915 — 26/11/1999

**Desde os anos 50
a notícia é espetáculo.
Agora no palco.**



Drica Moraes e Marcelo Valle
Foto: Dalton Valerio

Notícias Cariocas

Teatro – Cia. dos Atores
Direção: Enrique Diaz e Ivan Sugahara

De 02 de julho
a 12 de setembro
De quarta a domingo, às 19h

CaliaAssumpção

Venha ver também

Exposição

Onde está você,
Geração 80?
13 de julho a 26 de setembro

Eduardo Sued –
A Experiência
da Pintura
20 de julho a 26 de setembro

Cultura
o tempo
todo com
você

CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL

Rua Primeiro de Março, 66
Centro – RJ – Tel.: 3808-2020
cultura-e.com.br

Cultura também é um compromisso com o futuro

A Infraero, administradora dos 66 maiores aeroportos do Brasil, investe na idéia de que promoção cultural é também um mecanismo de investimento social. Além de patrocinar a produção de filmes, livros e peças teatrais, os aeroportos possuem espaços culturais para exposições, principalmente de artistas locais. Criar oportunidades para novos talentos e apoiar manifestações culturais é uma das formas do Brasil descobrir seu ritmo.

OUVIDORIA: 0800 727 1234 - www.infraero.gov.br

INFRAERO Aeroportos Brasileiros

BRASIL UM PAÍS DE TODOS